

SOCIEDADE DE CONTROLE E AUTO-GOVERNO

Raquel Viviani Silveira¹

RESUMO

Esse artigo pretende fornecer subsídios para uma discussão sobre a literatura de auto-ajuda. Aqui são apresentados alguns conceitos de M. Foucault (disciplinamento, bio-poder) e G. Deleuze (sociedade de controle) interessantes para essa discussão. São introduzidas também algumas questões sobre a biotecnologia.

Palavras-chave: Sociedade de controle, Bio-poder, Bio-ascese, Foucault, Deleuze.

ABSTRACT

This article intends to provide subsidies for a discussion on the self-help literature. Here are presented some concepts of M. Foucault's (disciplining, bio-power) and G. Deleuze's (control society) which are relevant to the discussion. Some thought is also given to the biotechnology.

Key-words: Society of control, Bio-power, Bio-ascesis, Foucault, Deleuze.

“Controle” é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. (Gilles Deleuze)

Na realidade, o racionalismo que preside à indústria da cultura engendrou as condições materiais necessárias à formação de um mercado no qual podemos procurar mais ou menos livremente os recursos culturais para podermos resolver por conta própria os problemas resultantes da nossa transformação em indivíduos. (Francisco Rüdiger)

INTRODUÇÃO

Existem à venda, atualmente, manuais que ensinam quase tudo o que se pode saber para organizar e gerenciar a própria vida e ter boa saúde. Esses manuais estão nas livrarias, nas bancas de jornal, nas casas de produtos naturais, nos supermercados. Aparecem muitas vezes naquelas publicações que tratam da chamada vida saudável, em coleções de livros de bolso, em artigos de revistas femininas, como reportagens em publicações de grande circulação ou ainda como pequenos artigos em jornais de bairro.

Geralmente, esses manuais são escritos numa linguagem simples e o preço é

¹ Formada em Filosofia (USP), mestrado (USP) e doutorado (UNICAMP) em Educação. Professora de Filosofia e Metodologia de Pesquisa das Faculdades Padre Anchieta.

acessível a um grande número de pessoas; trazem informações embasadas em pesquisas científicas recentes ou em teorias já provadas. Muitas vezes apresentam-se como publicações elaboradas, um pouco mais caras, feitas em papel de excelente qualidade, com muitas fotos, gráficos e dados estatísticos, publicadas como revistas ou como livros. A temática da vida saudável, isto é, o cuidado com o corpo e com a alma, tem sido tratada também em histórias romanceadas.

Os artigos sobre vida saudável também povoam os jornais de grande tiragem. Aí, são apresentadas dicas para a administração do orçamento familiar, intervenções cirúrgicas envolvendo a conquista de certo padrão de beleza, receitas culinárias com informações a respeito do valor nutricional dos alimentos, indicações para os cuidados com a saúde, sempre com muitas afirmações de caráter científico. Existem ainda coleções que tratam de dar dicas para o tratamento de doenças que atingem a um grande número de pessoas como a hipertensão, a obesidade, a diabete, entre outras.

Há no mercado cultural uma enorme quantidade de manuais de auto-ajuda, que se propõem a ajudar o leitor a viver feliz e saudável, em meio às violências da vida cotidiana moderna. Um exemplo interessante desse tipo de literatura é o livro *Mulher: O caminho para o bem-estar na vida moderna*, de Ângela Phillips (2001), que se apresenta como um guia para a mulher moderna e atuante, com estratégias de auto-desenvolvimento que ensinam a analisar as próprias habilidades, e traça metas e 'ferramentas' indispensáveis para ser mais eficiente e feliz.

A autora define como vida saudável a ausência de doenças e o bem-estar corporal. Oferece ainda exercícios, físicos ou "psicológicos", para a mulher que quer ser capaz de examinar o próprio passado e erigir o padrão dos seus relacionamentos futuros, e discute estratégias práticas e conselhos pragmáticos para o bom trânsito no mundo do trabalho.

A grande quantidade e variedade desse tipo de publicação, o grande sucesso de vendas de algumas delas, a projeção social que alguns autores conquistam, e a afirmação quase unânime de sua utilidade, feita na mídia e pela mídia, nos levam a um questionamento: quem são os leitores dessas publicações? Essa é uma questão, entretanto, de fácil solução: os leitores somos todos nós.

Todavia, entender por que é que nos interessamos por esse tipo de publicação, por essa temática, é um pouco mais complicado. Gostaríamos, neste artigo, de introduzir algumas discussões que indicassem caminhos para responder a esta questão.

SOCIEDADE DE CONTROLE

As sociedades capitalistas burguesas, administradas segundo a lógica do mercado, seguem e exigem, para o seu bom funcionamento, os seguintes padrões burocráticos: eficiência, cálculo, previsibilidade e controle. As sociedades arquite-

tadas a partir desses padrões de administração estabelecem, em todas as suas estruturas (como o governo, a família, a escola, a mídia, a justiça), programas que disciplinam o corpo e a alma dos indivíduos a fim de que esses se capacitem para realizar os padrões exigidos por elas.

Esse disciplinamento se dá principalmente pela imposição (mesmo que sutil) de um tipo de racionalidade, de uma forma de pensamento: é preciso ver e pensar o mundo segundo a lógica do mercado, é preciso conduzir-se no mundo dominado pela lógica de mercado obedecendo aos padrões de eficiência, cálculo, previsibilidade e controle.

Max Weber¹, ao analisar a burocracia, já havia mostrado que as sociedades administradas burocraticamente estabelecem formas de controle dos indivíduos dispostas numa grade fixa de percepção e entendimento do mundo e de si mesmo.

Para Norbert Elias (1994) as sociedades, assim burocraticamente administradas, além do controle da natureza e do controle da sociedade, também exigem a prática do autocontrole, isto é, os padrões de eficiência, cálculo, previsibilidade e controle devem também ser usados na administração da individualidade.

O estilo de organização da vida, implantado pelo capitalismo e pela ética protestante desde o início da organização burguesa da sociedade, transforma-se hoje em hábito: já incorporamos essa forma racionalizada de dirigir o mundo. Hoje, sem muitos traumas, já dirigimos burocraticamente nossa vida interior.

Para Michel Foucault essa direção padronizada da vida cotidiana iniciou-se com o disciplinamento corporal. Foi preciso, segundo o autor, educar o corpo do trabalhador para que ele permanecesse horas seguidas em frente à máquina com a qual trabalhava. Foi preciso também disciplinar o aluno para que ele seguisse as normas rígidas da vida escolar.² As sociedades modernas, segundo o autor, criaram uma espécie de **bio-poder**: para poderem administrar as coisas e as pessoas, evitando rebeliões ou revoluções, elas disciplinam os indivíduos até adequá-los às normas.

Assim, as diferentes instituições sociais aparelhadas pelo Estado, como o hospital, a escola, o quartel, a fábrica, a prisão, através da vigilância e da organização do tempo, diferenciam o que é normal do que é patológico, o que é educado do que é selvagem, o que é produtivo do que é inútil, o que é permitido do que é interdito, e promovem a sujeição dos indivíduos à ordem estabelecida.

Paula Sibilia, em sua pesquisa intitulada *O homem pós-orgânico*, afirma que sair fora dessa lógica é trabalhoso, uma vez que as estruturas político-sociais aprisionam e submetem o indivíduo “a um conjunto de regras e normas, envolvendo um jogo muito complexo de relações de poder capilares, capazes de fixar os corpos e as subjetividades ao aparelho de produção capitalista.” (Sibilia, 2002: 33).

Segundo Foucault, todos nós ficamos sujeitos à norma, todos nós devemos ser e desejar ser normais. E neste contexto é muito custoso para o indivíduo agir

¹ Ver a esse respeito o livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.

² Essa discussão encontra-se em FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir História da violência nas prisões*.

de maneira diferente daquela que a sociedade apresenta como aceitável. Para ser ativo e autônomo o indivíduo deve ir contra o poder que o governa.

Os sujeitos, assim disciplinados, além de dóceis são também úteis, e passam a servir aos interesses políticos e econômicos, arquitetados por essa *ortopedia social*, que faz uso de diferentes estratégias para produzir corpos dispostos a trabalhar, mas inábeis para a resistência.

O jogo de formatação dos corpos é duplo: por um lado, as forças corporais são incrementadas, estimuladas em termos econômicos de utilidade. É a aptidão do sujeito adestrado que se potencializa. Por outro lado, as forças corporais são diminuídas, subjugadas em termos políticos de obediência. (Sibilia, 2002: 32)

Essa situação tem se tornado mais complexa nos dias de hoje. Nas sociedades disciplinares, a fábrica fazia dos indivíduos um corpo só, com a vantagem de poder vigiá-los a todos e a cada um. Entretanto, como mostra Gilles Deleuze (1992), nas sociedades contemporâneas, chamadas por ele de **sociedades de controle**, a empresa substitui a fábrica, e aí os indivíduos são colocados num enfrentamento, numa perpétua rivalidade, não formam mais um corpo único. Enquanto nas sociedades disciplinares modernas as instituições – família, escola, exército, fábrica – estavam bem delimitadas e estabelecidas, nas sociedades de controle as instituições estão em crise, em permanente crise.

À medida que as paredes dessas instituições desmoronam, a lógica de subjetivação que operava anteriormente dentro de seus espaços limitados agora se espalha, generalizada em todo o campo social. A queda das instituições, o definhamento da sociedade civil e o declínio da sociedade disciplinar envolvem uma suavização do estriamento do moderno espaço social. Aqui surgem as redes da sociedade de controle. (Hardt e Negri, 2001: 351)

Com as mutações do capitalismo, com a crise do capitalismo industrial, não se tem mais tanta necessidade, como nas sociedades modernas, de disciplinar o operário, o produtor rural, o profissional liberal, o aluno, a mulher para o trabalho. Hoje, o capitalismo, mais do que cidadãos disciplinados, precisa do consumidor controlado.

As empresas do capitalismo globalizador, sustentadas pela informática e pela biotecnologia, soltam no mercado produtos tecnologicamente sofisticados, e produtos assim precisam de consumidores capacitados. A capacitação para o consumo torna-se também um produto, assim são vendidos cursos rápidos e longos, idéias, conceitos capazes de colocar o sujeito em dia com as exigências do mercado e fica a cargo do próprio indivíduo-consumidor capacitar-se para o consumo.

Neste contexto, o indivíduo não precisa mais acumular riquezas para o futuro; precisa e deseja satisfação imediata, o que o torna sempre insatisfeito. Daí a razão pela qual a indústria da cultura precisa colocar à disposição do mercado produtos que forneçam os recursos necessários para resolvermos sozinhos os problemas físicos e psicológicos, resultantes da nossa transformação em indivíduos consumidores. Dentre esses produtos encontram-se os manuais de auto-ajuda.

Com o domínio do consumismo (hoje se é julgado pelo que se tem), com o esvaziamento da política (hoje vista como o espaço do roubo e do engano), com a intensificação da publicidade (que se apresenta como espaço da verdade e do exercício da cidadania), as sociedades de controle incentivam o auto-governo, a gerência de si mesmo. O indivíduo então deve buscar soluções para seus problemas numa terapêutica com a qual possa munir-se de poder pessoal para transformar, sozinho, sua vida.

O AUTO-GOVERNO

Segundo Hardt e Negri (2001) o poder nas sociedades de controle é inteiramente biopolítico, isto é, busca promover terapias também para os normais, inaugurando um tipo novo de estratégia de tratamento dos problemas sociais: a exigência de que o indivíduo governe sua própria particularidade, cuidando de ter um estilo de vida saudável. E o arsenal científico-tecnológico disponível é capaz de propor, por exemplo, uma guerra contra o envelhecimento e a morte, prometendo ao indivíduo livrá-lo de sua finitude natural.

A informática, as telecomunicações e as biotecnologias estão fornecendo, para as sociedades contemporâneas, padrões para a produção de corpos e almas. Segundo Paula Sibilia (2002) os conceitos de homem, natureza, vida e morte estão sofrendo mutações causadas, por exemplo, pela sacralização da tecnologia, que tem reduzido as limitações temporais e espaciais da materialidade orgânica.

A virtualidade nos leva a ignorar as limitações do corpo humano agora a materialidade é vista como impura, e o caráter consumista da sociedade de controle oferece a possibilidade de purificar o corpo, nas práticas de cultivo da “boa forma física”, por exemplo. Novas terapêuticas prometem dar suporte, mas “em vez de solicitar a interrogação, a interpretação e os mergulhos no interior de uma subjetividade enigmática, as novas vivências demandam explicações técnicas e intervenções corretivas (...) numa cultura cientificista que privilegia a neuroquímica do cérebro em detrimento de crenças, desejos e afetos.” (Sibilia, 2002: 185).

O novo regime digital apresenta os corpos humanos como sistemas de processamento de dados, códigos, perfis cifrados, feixes de informação, e não quer ver mais o homem como uma máquina, um autômato ou um robô: imagens que alimentaram inúmeras ficções nos últimos dois séculos. Hoje o homem é figurado como *cyborg* - híbrido de organismo e cibernética.

Deste modo, o trabalho de purificação empreendido pela tecnologia digital se manifesta na vontade de determinar a evolução humana, de manejar a hereditariedade. Entretanto, “construir” o homem não é a novidade, pois no decorrer da Modernidade inúmeros projetos pretenderam moldar os corpos e as subjetividades, e para tanto foram arquitetados os dispositivos disciplinares para a produção de subjetividades e corpos, com a ajuda da escola, da medicina, das ciências sociais,

da psiquiatria, do exército, como já dissemos. Mas agora os métodos disciplinares ganharam em velocidade e alcance, agora a intervenção se faz nos códigos genéticos, e o reformismo social propõe uma reprogramação genética eficiente dos seres humanos. Além disso, a alteração não pretende atingir somente o corpo, mas também a alma através da genética comportamental, que intenta descobrir as relações entre genes e traços da personalidade. Neste caso, a tecnologia genética propõe um *upgrade* sistemático da alma.

Como já vimos os interesses do mercado “impellem os sujeitos a se tornarem **gestores de si**, administrando suas potencialidades a partir das escolhas de produtos e serviços oferecidos pelas empresas” (Sibilia, 2002: 145), e as inovações das biotecnologias, divulgadas intensamente pela mídia, incentivam os indivíduos a sonhar com a auto-produção. Lembrem-se aqui as cirurgias plásticas, próteses de silicone, lipoaspiração, botox, unhas e dentes de porcelana, lentes de contato, implante de cabelo, bronzamento artificial, cosmética, etc.

Para Francisco Ortega (2002) essa fantasia da auto-produção, faz com que o indivíduo se julgue a partir dos critérios de força, rigidez, juventude, longevidade, saúde, e beleza: critérios que pretendem avaliar moralmente o indivíduo e fornecer-lhe padrões para sua ação moral e política. A alimentação saudável, por exemplo, é um aspecto interessante dessa virada político-moral:

Nas nossas sociedades, a comida ocupa o lugar da sexualidade como fonte potencial de ansiedade e patologia. O tabu que se colocava sobre a sexualidade desloca-se agora para o açúcar e as gorduras. O glutão sente-se com frequência mais culpado que o adúltero. (Ortega, 2002; 165)

A partir, por exemplo, da popularização do vocabulário médico (taxas de colesterol, tônus muscular, capacidade aeróbica, desempenho físico), as práticas sociais, esportivas e religiosas são entendidas como práticas de saúde. Hoje a saúde, a performance corporal, a longevidade, o controle das doenças genéticas, as práticas de higiene, a alimentação saudável, o bom desempenho físico, as formas de ocupação do tempo, são os critérios usados para agrupar as pessoas. A sociabilidade hoje é vista como biossociabilidade.

Assim, os sujeitos dessa cultura, os sujeitos na sociedade de controle, controlam, vigiam e governam seu corpo e sua alma, e é a partir dessa peritagem constante de si que se deve extrair a própria identidade e julgar os seus comportamentos morais e os dos outros.

Anthony Giddens (1993:42) chama essa prática de reflexividade do corpo, na qual “o corpo torna-se foco do poder disciplinar. Mas, mais que isso, torna-se um portador visível da auto-identidade”. Contemporaneamente, segundo o autor, essa prática ascética³ – a reflexividade – se acentuou com a interferência massificante da ciência da nutrição (com seus guias, manuais e livros de culinária) como poder disciplinador da dieta dos indivíduos. E se poderia agregar à ditadura da dieta, agora nos princípios do século XXI, a terapia genética.

³ A palavra ascese é usada aqui no sentido de exercício moral.

Para Giddens, na sociedade de mercados mundiais, os problemas de alimentação tomaram o lugar da histeria (de outros tempos) como patologia preocupante. A dieta, como escolha de estilo de vida, une as preocupações com a aparência física, com a sexualidade e com a auto-identidade. Esse estilo de vida contemporâneo exige uma autodisciplina constante, exige o governo⁴ de si, que obriga o indivíduo a manter o corpo sempre sob controle: sempre jovem e potente; sempre *fit in*: ajustado, adaptado.

Essas práticas de controle de si são incentivadas pela ideologia da aversão à dependência, própria de sociedades onde o espaço público, o espaço da política, está esvaziado, como a nossa. Aqui o indivíduo deve ser autônomo, deve encarregar-se de manter o corpo e a saúde perfeitos, sob pena de ser considerado um fracasso. Neste contexto, o sedentário, o gordo e o velho, a mulher flácida e de cabelos brancos, demonstram sua inadaptação e são figuras estigmatizadas.

CONCLUSÃO

Para Ortega (2002), vigiar constantemente a si mesmo exige enormes esforços: disciplina na manutenção da dieta ideal, na conquista do corpo californiano, no consumo de produtos de saúde e beleza, no controle dos estresses, na manutenção da saúde psicológica. O esforço exigido para o governo do corpo e da alma, chamado pelo autor de **bio-ascese**, tem caráter moral. Não se trata apenas de cuidar da saúde física para não adoecer, da saúde mental para não enlouquecer: as práticas da bio-ascese são exercícios de domínio espiritual, estão no domínio dos "bons costumes", estão no âmbito dos bons exemplos. Aquele indivíduo que consegue manter-se "em forma" é dito como um exemplo a ser seguido.

A prática da bio-ascese produz a bio-identidade. E, segundo Ortega (2002), para manter nos níveis suportáveis a ansiedade advinda das exigências da construção da bio-identidade se alia, por exemplo, o trabalho ao lazer. É o que temos visto ultimamente, com o uso de *note books* em reuniões de trabalho feitas em cafés de museus, de parques; dos contratos que possibilitam o trabalho feito em casa; das viagens de trabalho e turismo.

A vontade de controle⁵ de si mesmo, o trabalho de produção de si mesmo, a necessidade de adequação aos padrões de eficiência, cálculo e previsibilidade, propiciam um enorme mercado para a literatura de auto-ajuda. Justamente porque essa literatura veicula receitas de práticas individuais para a descoberta, cultivo e uso de recursos interiores na transformação da subjetividade. E o que sustenta essa literatura é o "princípio de que possuímos um poder interior, passível de ser

⁴ Uso governo *no sentido amplo de técnicas e procedimentos destinados a dirigir a conduta* como queria Foucault (1997) em "Do governo dos vivos".

⁵ Uso emprestado o termo *vontade de controle* de Denise B. de Sant'Anna (2002), do texto "Transformação do corpo, controle de si e uso dos prazeres".

empregado na solução de todos os nossos problemas.” (Rüdiger, 1996: 17)

O fato de que a maior parte dos problemas de um indivíduo tenha origem social é escamoteado na literatura de auto-ajuda. Essa literatura se propõe a aumentar a “capacidade de observar a mim mesmo, monitorar meu próprio fazer, meditar sobre meu modo de ser” (Rüdiger, 1996: 12): prática de conduta exigida dos indivíduos pelas sociedades de controle.

A temática da auto-ajuda dos manuais de boa saúde, dos livros de meditação, de histórias de ficção, de depoimentos exemplares, das publicações sobre dieta, das reportagens sobre gerenciamento da vida pessoal, das publicações populares para divulgação de descobertas científicas, é ferramenta importante na construção do sujeito pelo próprio sujeito. Ela fornece informações, dicas e conselhos para que cada um, sozinho, estruture o seu próprio eu. Ela é um elemento importante do processo de bio-ascece. Nas sociedades de controle, a literatura de auto-ajuda é um elemento fundamental do processo de auto-governo.

BIBLIOGRAFIA

DELEUZE, Gilles. “Post-Scriptum Sobre as sociedades de controle”. In: *Conversações*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FOUCAULT, Michel. *As técnicas de si*. Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. *Dits e Écrits*. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, pp. 783-813, por Wanderson F. do Nascimento e Karla Neves. Encontrado em <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault>.

_____. Do governo dos vivos. In: *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *Vigiar e Punir: História da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987.

PHILLIPS, Ângela. *Mulher: O caminho para o bem-estar na vida moderna*. São Paulo: Globo, 2001.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade :Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: Unesp,1993.

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HARDT, Michael. "A sociedade mundial de controle". In: ALLIEZ, Eric (org). *Gilles Deleuze: Uma vida filosófica*. Rio de Janeiro: Ed. 34.

ORTEGA, Francisco. "Da ascese à bio-ascese ou do corpo submetido à submissão ao corpo". In RAGO, M., ORLANDI, Luiz B. L. e VEIGA-NETO, Alfredo. *Imagens de Foucault e Deleuze: Ressonâncias Nietzscheanas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 139-173.

RÜDIGER, Francisco. *Literatura de Auto-Ajuda e Individualismo*. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 1996.

SANT'ANNA, Denise B. de. "Transformação do corpo, controle de si e uso dos prazeres". In: RAGO, M., ORLANDI, Luiz B. L. e VEIGA-NETO, Alfredo. *Imagens de Foucault e Deleuze: Ressonâncias Nietzscheanas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SIBILIA, Paula. *O Homem Pós-Orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.